

Os Frades Menores e a Cúria Romana na primeira metade do século XIII: Uma discussão historiográfica

Victor Mariano Camacho¹

Resumo

A experiência cristã de Francisco e o desenvolvimento da ordem dos Frades Menores a partir de inícios do século XIII são essenciais para o entendimento da sociedade e da cultura da cristandade latina medieval. Logo, o presente artigo, tem por objetivo apresentar os principais teóricos que trabalham a questão franciscana na Idade Média Central, durante a primeira metade do século XIII. Para este texto, recortamos a problemática das relações entre a Ordem dos Frades Menores e a cúria Romana, a partir da aprovação oral da ordem pelo Papa Inocêncio III. Diante desta proposta, apresentaremos as principais tendências historiográficas que se apresentaram a partir do século XIX com o resgate da pesquisa sobre a vida de Francisco de Assis e de sua ordem, até as obras mais recentes.

Palavras-chave: Franciscanismo; Idade Média; historiografia.

¹ Graduado em História pela Uniabeu. Integrante do grupo de pesquisa: LITHAM (Laboratório Interdisciplinar de Teoria da História, Antiguidade e Medieval) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) na sublinha Cristianismo e Poder.

Abstract

The Christian experience of Francis and the development of Franciscan order from the beginning of the thirteenth century are essential for understanding society and culture of medieval Latin Christendom. So the present work aims at presenting the main theoretical work on the issue Franciscan Central Middle Ages, during the first half of the thirteenth century. For this text, we have cut the problematic relations between the Order of Friars Minor and the Roman curia, from the oral approval of the order by Pope Innocent III. Given this proposal, we present the main historiographical trends that appeared from the nineteenth century with the rescue of research on the life of Francis of Assisi and his order until the most recent works.

Keywords: franciscan - Middle Ages - historiography

Introdução

A questão do movimento franciscano na historiografia sobre a Idade Média vem ganhando destaque cada vez maior nas pesquisas acadêmicas. O nascimento do franciscanismo na primeira metade do século XIII representou uma expressiva “revolução” nas práticas religiosas na cristandade ocidental tanto por parte dos fiéis leigos quanto pela própria hierarquia eclesiástica.

Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo apresentar as principais correntes historiográficas bem como os autores que tratam da questão franciscana na Idade Média Central, além disso, pretendemos também discutir a contribuição dos mesmos para a historiografia sobre a Idade Média e sobre o movimento franciscano. Para este estudo, recortamos a problemática das relações entre os Frades Menores (franciscanos) e a cúria romana na primeira metade do século XIII.

O movimento franciscano é, sem dúvida, um dos elementos centrais para se entender a sociedade, a cultura e sobretudo a religiosidade da cristandade latina. A partir do século XIII, as novas formas de devoção ou mesmo as práticas religiosas inauguradas a partir da espiritualidade do *Poverello* de Assis ultrapassam o âmbito do espaço cronológico que conhecemos por Idade Média. Os frades Menores ou mesmo os outros grupos que surgiram na Igreja Ocidental a partir da experiência original de Francisco, incluindo tanto o monacato feminino, no caso da Ordem de Santa Clara, quanto entre os leigos através da Ordem Terceira, atualmente conhecida com Ordem Franciscana Secular, foram sem dúvida elementos que constituíram as características da religiosidade em grande parte da Europa, a partir do século XIII, e no Novo Mundo, a partir do século XVI.

Para se compreender o franciscanismo, se faz necessário entender também a sociedade da Idade Média Central em sua cultura, religiosidade e mentalidades. A experiência de Francisco de Assis acompanhou o fenômeno de efervescência espiritual ocorrido entre os séculos XII e XIII. Segundo Vauchez, nesses duzentos anos, a cristandade latina passa a alimentar uma devoção ao Cristo pobre, sofredor, mais próximo da realidade humana; os leigos buscam uma participação mais intensa na Igreja através da fundação de confrarias e outros movimentos religiosos, alguns destes

posteriormente condenados pela hierarquia eclesiástica como heresia. (VAUCHEZ, 1995, p.127-133)

Os hagiógrafos² do santo, nos primeiros capítulos de seus escritos, relatam o episódio em que Francisco de Bernadone renuncia aos bens paternos e passa a viver uma vida de ascese e pobreza. O primeiro passo da nova vida do Santo de Assis, após a conversão, teria sido viver em um mosteiro beneditino, em seguida, percebendo que sua vocação enquanto religioso não estava restrita a clausura da vida monástica, passou a viver como um *eremita*³.

Outro episódio dos primeiros anos de vida de Francisco após a sua conversão é a reconstrução da Igreja de São Damião. Segundo as lendas do santo, a missão teria sido ordenada pelo próprio Cristo em uma revelação divina através da contemplação de um ícone bizantino que trazia a imagem do Cristo crucificado.

O desenvolvimento da Ordem no século XIII e suas relações com a cúria romana

Embora algumas correntes do próprio movimento franciscano, como os frades conventuais⁴, defendam que o início do franciscanismo tenha se dado no momento da “conversão”⁵ do santo, outros grupos, como é o caso dos frades observantes,

² O termo hagiografia possui raízes gregas (hagios=santo; grafia=escrita) e é utilizado, desde o século XVII, para designar tanto o estudo crítico dos diferentes aspectos ligados ao culto aos santos, bem como os textos que têm como temáticas centrais os santos e seu culto, como vidas, tratados de milagres, relatos de transladações, viagens espirituais, martiriológicos etc. (SILVA, Andréia Cristina L. Frazão, “Introdução”, In; *Hagiografia e história: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central*. 1ª. ed. Rio de Janeiro, HP Comunicação Editora, 2008, p.7). As hagiografias, enquanto gênero literário próprio da Idade Média e também da Idade Moderna, mais do que narrar a vida dos santos, tinham por objetivo a edificação espiritual dos fiéis e apresentar aos mesmos modelos de homens e mulheres cristãos que souberam servir e se consagrar inteiramente a Cristo e à Igreja.

³ O eremitismo constituiu uma das formas de vida religiosa existentes no cristianismo tanto oriental quanto ocidental. Consistia numa opção de isolamento em lugares ermos, numa vida de intensa oração, jejum e continência, além da recusa do sacerdócio por parte de alguns fiéis. Alguns dos mais conhecidos foram Antônio do Egito, mais conhecido como Sto. Antão pela tradição cristã, e São Pacômio, que fundara um mosteiro no deserto.

⁴ No século XVI, a ordem franciscana presenciou um cisma, dividindo-se em dois grupos: de um lado os frades observantes, que defendiam a observância fiel da Regra, bem como as recomendações do Testamento deixado por Francisco de Assis dias antes de sua morte, e os Conventuais, que defendiam a observância unicamente da Regra e não tinham pudores quanto à posse de maiores conventos onde residissem os religiosos.

⁵ Uma vez que na sociedade medieval todos os homens e mulheres são por consequência cristãos católicos (exceto no caso dos judeus e muçulmanos que a partir do século XIII são excluídos desta “cristandade”). O termo conversão não tem a mesma conotação de nossos dias. Converter-se, na

defendem que o início do movimento franciscano tenha se dado com a aprovação da forma de vida proposta por Francisco em 1209 pelo Papa Inocêncio III. Quanto a este episódio da vida de Francisco de Assis, várias são as versões apresentadas pelos hagiógrafos, enquanto Tomás de Celano⁶, por exemplo, apresenta de forma “romântica” e harmoniosa o primeiro encontro do santo com a cúria romana, São Boaventura⁷ narra que num primeiro momento houvera certo estranhamento e resistência por parte do papa perante a figura de Francisco e a regra por ele apresentada. De acordo com o hagiógrafo, o papa teria expulsado o santo do palácio de Latrão. O Bispo de Roma, antes de aprovar a regra, classifica o modo de vida dos religiosos como duro e demasiado austero, quase impossível de ser vivido. Após ouvir o conselho de cardeais, Inocêncio III aprova então a forma de vida dos frades.

As distinções das narrativas sobre o primeiro contato do santo com a cúria romana obviamente representam nada mais do que tendências ou correntes ideológicas de grupos políticos dentro da Ordem. Ao mesmo tempo, os dois hagiógrafos escreveram em momentos e contextos históricos diferentes, tanto na trajetória da ordem quanto da Igreja, logo, tanto Tomás de Celano quanto Boaventura de Bagnorégio produziram seus textos com objetivos específicos, atendendo a demandas ou necessidades diferentes. O estudo comparativo destas fontes é

sociedade medieval, significava entrar para uma ordem religiosa ou mesmo abraçar uma vida de castidade e continência mesmo no estado de vida laico, prática que era comum entre as mulheres.

⁶ Vendo o bem-aventurado Francisco que o Senhor aumentava cada dia o seu número, escreveu para si e para seus irmãos, presentes e futuros, com simplicidade e com poucas palavras, uma forma e Regra de Vida, (...). Regia a Igreja de Deus, naquele tempo, o Papa Inocêncio III, homem ilustre, muito rico em doutrina, celeberrimo orador e muito zeloso da justiça em tudo que se referia ao culto da fé cristã. Informado do desejo daqueles homens de Deus, depois de refletir, aceitou o pedido e deu-lhes despacho. Tendo-lhes feito muitas exortações e admoestações, abençoou São Francisco e seus irmãos e lhes disse: “Ide com o Senhor, pregai a todos a penitência. Quando o Senhor vos tiver enriquecido em número e graça, vinde refletir-me tudo com alegria, e eu vos concederei mais coisas do que agora e vos encarregarei com segurança de cargos maiores. (CELANO, Tomás de. “Primeira Vida de São Francisco de Assis”. In; SILVEIRA, Ildelfonso (org). *São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Petrópolis – RJ: Vozes: 2002, p. 201-202)

⁷ Chegado à Cúria Romana, conduziram-no à presença do Sumo Pontífice. O Vigário de Cristo, que se encontrava no palácio lateranense e caminhava no lugar chamado *Speculum*, imerso em profundos pensamentos, mandou embora com desprezo, como um importuno, o servo de Cristo. (...) Mas não quis aprovar logo a regra de vida proposta pelo pobrezinho, porque parecia estranha e por demais penosa às forças humanas, no parecer de alguns cardeais. (...) Diante dessas razões, o sucessor de Pedro voltou-se para o pobre de Cristo e lhe disse “Meu filho, faze uma oração fervorosa a Cristo para que por teu intermédio nos mostre a sua vontade. Assim que a tivermos conhecido com maior clareza, poderemos aceder com mais segurança aos teus pedidos (...) Concedeu-lhe pois o que pedia, prometendo-lhe conceder muito mais no futuro. (BAGNORÉGIO, Boaventura de. “Legenda Maior de São Francisco”. In; SILVEIRA, Ildelfonso (org). *São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Petrópolis – RJ: Vozes: 2002, p. 479-481).

extremamente complexo o que exige maior rigor científico e tempo de pesquisa, logo, não é nosso objetivo promover esta análise neste momento.

Ao citarmos Tomás de Celano e Boaventura, queremos demonstrar que, desde o século XIII, havia uma discussão dentro da Ordem em relação à aproximação do movimento com a Igreja enquanto instituição. Embora tanto Celano quanto Boaventura tenham sido frades extremamente ortodoxos, a aproximação entre franciscanos e cúria romana, além de promover profundas metamorfoses na ordem, gerou também tensões.

O momento histórico em que Francisco de Assis decide solicitar a permissão do papa para a vivência de sua forma de vida fora marcado pelo que Brenda Bolton define como Reforma Papal, que consistia em uma nova política eclesiástica em afirmar a autoridade do bispo de Roma e da Igreja latina sobre o Ocidente, já separada da Igreja oriental de Bizâncio. Inocêncio III fora um dos ícones deste projeto político, que terá maior expressão no IV Concílio de Latrão⁸, onde a Igreja estabelece as diretrizes de sua política de centralização que perdurará por toda a Idade Média.

Francisco coloca-se sob obediência total à autoridade do papa. A vivência do ideal sob o aval da Igreja refletia uma adaptação do projeto inicial do fundador às diretrizes do papado. Ao mesmo tempo, a cúria romana percebera que os movimentos religiosos que nasciam na cristandade fugiam de seu controle, como podemos perceber no caso das heresias, logo, tornava-se necessário que a Igreja acolhesse de forma cautelosa as novas propostas que lhe eram feitas, tendo a precaução de acompanhar e controlar esses novos religiosos para que posteriormente não viessem a se opor a doutrina eclesiástica através da heresia.

A partir do contato entre a Ordem dos Frades Menores e o papado, observamos uma evolução conturbada do movimento franciscano, em virtude de conflitos e embates das diversas correntes políticas existentes na fraternidade. A partir da aprovação oral em 1209, a ordem passa a receber candidatos das mais diversas

⁸ O IV Concílio de Latrão fora, com toda a certeza, um dos mais importantes da Igreja Medieval. É durante este concílio que o papado adota uma postura de maior controle perante as diversas instituições e estados de vida presentes na sociedade, através da proibição de se criar novas ordens religiosas, da imposição mais rigorosa do celibato e da continência do clero secular, da condenação oficial da heresia, que mais tarde será intensificada com a Inquisição, dentre outros elementos definidos neste mesmo concílio. O IV Concílio de Latrão delineou as diretrizes da política eclesiástica características da Igreja durante a Idade Média.

regiões da Europa, provenientes de diferentes grupos sociais, como clérigos, camponeses ou mesmo sacerdotes, levando a discordâncias quanto à observância da pobreza e da vivência do ideal proposto pelo fundador: enquanto o partido dos irmãos clérigos ou letrados defendia uma observância condizente com as novas realidades que se apresentavam na evolução econômica da sociedade medieval do século XIII, de um modo de vida que não fosse tão rigoroso e austero, cheio de privações materiais, os chamados irmãos leigos desejavam uma observância fiel do modo de vida proposto pelo fundador, prevendo uma vivência rigorosa da pobreza.

A divisão da ordem em dois grupos levou a uma distinção entre os frades. Sobretudo após a morte do fundador, os clérigos acabaram assumindo as funções administrativas, nos cargos de guardiães em conventos ou de ministros das províncias ou mesmo de ministro geral da ordem, função que inicialmente fora desempenhada por Francisco, que nunca se tornou sacerdote. Esta nova concepção clerical observada na ordem, sobretudo a partir do terceiro decênio do século XIII, fora contrária à proposta inicial de Francisco, como aponta André Vauchez:

Igualmente revolucionária para a época era a concepção de uma ordem onde clérigos e leigos se encontravam em pé de igualdade. Francisco, que não tivera formação clerical e só instado pelo papa recebeu o diaconato, pretendia dar aos membros de sua fraternidade os mesmos direitos e os mesmos deveres; o essencial, a seus olhos, era uma prática comum e sem concessões da pobreza evangélica (VAUCHEZ, 1995, p. 144).

Diante dos conflitos e problemas presentes no seio da ordem, o Santo de Assis pediu ao papa um cardeal para auxiliar no governo da fraternidade, uma vez que Francisco reconhecia a sua ignorância no que tange à organização de uma ordem religiosa ou mesmo no aspecto jurídico. O escolhido fora Hugolino de Óstia, cuja missão era: proteger a ordem dos prelados que viessem a macular a santidade e a liberdade dos frades, além de garantir que estes permanecessem fiéis aos cânones e doutrinas da Igreja. A presença do cardeal leva a ordem a um acelerado processo de

clericalização⁹ e institucionalização. Hugolino era sobrinho de Inocêncio III, formado em direito canônico e já havia atuado em missões anteriores com os cistercienses (BARRIO, 2005, p. 215). Posteriormente, em 1227, será eleito Papa, adotando o nome de Gregório IX, promovendo no ano seguinte a canonização de Francisco de Assis.

Discussão historiográfica

A historiografia¹⁰ sobre o movimento franciscano apresentou tensão. Entre os primeiros anos de produção, ela se dividira basicamente entre uma corrente anticlerical e outra de defesa a Igreja Romana e a institucionalização da ordem. Com a evolução da História enquanto ciência e dos métodos de análise de fontes, bem como com a pesquisa de novos documentos, ela deixa de se restringir a uma oposição entre religião e ateísmo ou mesmo catolicismo e protestantismo e passa a analisar o movimento em sua essência inserido no contexto do século XIII. Desde o século XIX, teólogos e historiadores iniciaram suas pesquisas na busca de manuscritos e outras formas de documentos, a fim de obter maiores informações sobre a ordem fundada por Francisco. Para este ensaio, selecionamos obras específicas sobre a figura do Santo de Assis e sobre a história do movimento franciscano na Idade Média.

Iniciemos com a obra do teólogo calvinista Paul Sabatier: *Vida de São Francisco de Assis*. Escrita ao final do século XIX, levando em conta o período em que fora elaborada e a denominação religiosa do autor, o texto está impregnado de um discurso positivista e anticatólico. Sabatier deixa claro seu objetivo de mostrar a “verdade” sobre a vida do santo, através de um intenso trabalho empírico com as fontes. Em seu livro, tenta mostrar um Francisco humano, longe do arquétipo de santo criado pela Igreja, por outro lado, faz críticas extremamente ácidas à mesma instituição. Acusa Tomás de Celano de ter omitido as dissensões da Ordem, além de afirmar que a Igreja, a começar com Inocêncio III, teria levado a um afastamento da

⁹ O termo “clericalização” é utilizado largamente por pesquisadores estudiosos do franciscanismo. A ordem, que anteriormente era formada majoritariamente por leigos e que não possuía hierarquia, passa a ser administrada por padres.

¹⁰ Procuramos organizar as obras desta discussão historiográfica em ordem cronológica. Muitas foram as obras que trataram da vida de São Francisco e de sua ordem, todavia, utilizamos como critério de seleção historiadores ou mesmo teólogos que problematizam a questão com a utilização de fontes medievais e rigor científico.

ordem do ideal primitivo de seu fundador de pobreza e simplicidade, caminhando para uma instituição extremamente clericalizada, como observamos no fragmento abaixo:

Com efeito, a Cúria não se contentou com a palavra de fidelidade de Francisco, queria ainda marcar os penitentes com o sinal da Igreja. O cardeal João de São Paulo¹¹ foi responsável em mandar fazer-lhe a tonsura. Daqui para frente, pertenciam todos ao foro interno da Igreja Romana.(...) A criação tão profundamente leiga de São Francisco se tornava, quer queira quer não, uma instituição eclesiástica. Rapidamente, devia degenerar numa instituição clerical. Sem o perceber, o movimento franciscano se tornara infiel às suas origens. (SABATIER, p. 168)

A obra de Sabatier fora sem dúvida revolucionária para o período em que foi publicada. Até então, todas as informações sobre Francisco de Assis eram provenientes de conventos, através de textos secundários elaborados por frades preocupados muito mais com a santidade de seu fundador e um passado glorioso da ordem. Paul Sabatier trouxe de volta a pesquisa das fontes sobre a ordem no período medieval.

As críticas mordazes contra a ordem e a Igreja e a visão histórica de Francisco levaram a ordem a investir em pesquisas aprofundadas e a elaborar novas visões a favor da instituição, agora respaldadas em fontes e análises científicas de frades e outros clérigos. Neste sentido, as considerações do padre e historiador franciscano francês Théophile Desbonnets, em seu livro: *Da intuição a instituição*, escrito na década de 80, são imprescindíveis. Para Desbonnets, as dissensões dentro da ordem, bem como a intervenção da Igreja Romana, foram necessárias, uma vez que somente o ideal do Santo de Assis não era o bastante. Sem a intervenção direta da Igreja, o movimento possivelmente poderia ter fracassado: “Uma intuição que não encontra sua instituição está fadada à morte”. (DESBONETS, 1987, p. 14)

¹¹ Segundo alguns relatos, como o da Legenda dos Três Companheiros, o cardeal João de São Paulo exerceu a função de cardeal protetor logo após a aprovação oral de Inocêncio III em 1209. Hugolino teria assumido esta função com a morte do mesmo cardeal. Ver: “Legenda dos Três Companheiros” In: SILVEIRA, Ildefonso (org). *São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002, p. 690.

A cúria romana via com bons olhos os novos movimentos que nasciam na cristandade e teria o objetivo de elevá-los à categoria de ordem. Tanto o papa quanto Hugolino, o cardeal protetor, perceberam que o crescimento da ordem exigia uma maior centralização administrativa e uma regra mais direta e sistemática, a fim de que o movimento se perpetuasse.

Contemporânea a Desbonnets, a obra *São Francisco*, do historiador francês Raoul Manselli, compartilha da mesma visão a respeito das relações entre a ordem franciscana e a Igreja. Manselli defende a teoria de que o número de frades havia crescido ao ponto de viver uma constante tensão entre exigências de regulamentação e impulso espiritual. Por outro lado, tal crescimento levava também à dependência de colaboradores financeiros externos para a sua manutenção. Francisco reconhecera esta realidade ao renunciar a função de ministro geral no capítulo de 1220. Para Manselli, a tese de Sabatier de que a Igreja seria responsável por uma mutilação do ideal franciscano não teria fundamento, uma vez que o santo, ao pedir a presença de Hugolino como cardeal protetor da ordem, teria se colocado em posição de submissão voluntária à ação da cúria romana.

Já o frade capuchinho e historiador espanhol Lázaro Iriarte, em seu manual *História Franciscana*, publicado na década de 80, faz uma crítica à clericalização da ordem no século XIII. Sendo os capuchinhos uma reforma do próprio movimento franciscano, que buscou uma vivência mais fiel da pobreza e do ideal proposto pelo santo, o frade procura denunciar o distanciamento da ordem ao ideal original proposto por Francisco de Assis na Idade Média. Logo, seu livro, diferente de Sabatier, faz muito mais uma crítica à ordem do que à própria Igreja. Todavia, Lázaro Iriarte compartilha em parte da visão de Sabatier, ao afirmar que a ação da cúria romana em intervir no regimento interno da ordem e conceder privilégios contribuiu para uma traição do ideal inicial de Francisco de Assis.

Lázaro Iriarte acreditava que a evolução jurídica da Regra, promovida pelo papado através de bulas e outros documentos pontifícios, nada mais fez do que afastar a ordem de seu projeto inicial. A morte de Francisco e sua canonização bem como a concessão de privilégios rompem com a fase heróica do ideal franciscano. “Os interesses da instituição prevalecem sobre as exigências do puro ideal” (IRIARTE, 1985, p.67).

Em âmbito nacional, o medievalista Nachman Falbel, em seu livro, fruto de sua tese: *Os espirituais franciscanos*, apesar de focar muito mais sobre o fenômeno da heresia dentro da ordem, durante o século XIV com o movimento dos espirituais¹², no primeiro capítulo de sua obra, faz uma breve exposição dos primeiros anos da ordem desde sua fundação. Utilizando fontes dos séculos XIII e XIV, Falbel compartilha da visão de Sabatier, defendendo que a Igreja, na figura de Hugolino, teria introduzido mudanças contrárias aos fundamentos da ordem, levando a uma clericalização.

Falbel fora um dos precursores na pesquisa da questão franciscana no contexto da Idade Média no Brasil. Sua pesquisa nascera de seu estudo na Europa. Os espirituais franciscanos nada mais foram que uma resistência à clericalização da fraternidade e às ações da Igreja em tornar os Frades Menores um braço da dominação papal.

A historiografia sobre a questão franciscana evoluiu para análises mais minuciosas e rigor científico. O movimento de Analles, representado pelo medievalista Jacques Le Goff, em uma reunião de ensaios sobre a figura de Francisco de Assis e o movimento franciscano no contexto da sociedade medieval, em seu livro: *São Francisco de Assis*, preocupou-se muito mais em inserir o santo no contexto do século XIII. Le Goff contextualiza a vida do santo e de sua ordem com fatos, mentalidades e outros elementos próprios da Idade Média Central. Em outras palavras, para Le Goff, Francisco é um homem de seu tempo. Para o historiador, a inserção do santo na hierarquia da Igreja representaria uma ambiguidade, uma vez que o próprio Francisco recusa o sacerdócio¹³. Le Goff coloca a questão franciscana como objeto de estudo do historiador, apresenta metodologias e auxilia no estudo do contexto histórico do santo.

A análise de Le Goff sobre a vida de Francisco de Assis e a ordem nos mostra o peso que a questão franciscana ganhou no contexto da historiografia sobre a Idade Média. Através da obra deste historiador, percebemos que o surgimento do

¹² Os chamados espirituais surgiram na Ordem Franciscana já em finais do século XIII. Inicialmente consistiam num grupo que buscava uma vivência mais radical da Regra. Entretanto, o grupo acabou tornando-se uma facção dentro da ordem. Faziam críticas ácidas à ordem enquanto instituição e à própria Igreja, além de absorverem as teorias milenaristas do abade cisterciense Joaquim de Fiore sobre as três eras da história da salvação humana. O grupo acabou sendo classificado como herege. A Igreja passou a pressionar os ministros gerais que expurgassem os espirituais da ordem franciscana. Muitos dos religiosos foram condenados pela Inquisição.

¹³ Mesmo tendo-se inserido na hierarquia eclesiástica, colaborando com a Igreja, participando do IV Concílio de Latrão, Francisco teria recusado o sacerdócio, entretanto, teria aceitado o diaconato por uma exigência da cúria romana.

franciscanismo ultrapassara o campo religioso e passa a ser um dos elementos centrais para o entendimento da religiosidade e da sociedade medieval a partir do século XIII, sobretudo na Península Itálica.

Os traços distintivos da religião franciscana, a liberdade de espírito, o amor, a piedade, a serenidade alegre, a familiaridade formarão, por muito tempo a originalidade do Cristianismo Italiano, tão diferente da fé farisaica dos bizantinos, do fanatismo dos espanhóis e do dogmatismo escolástico da Alemanha e da França. (LE GOFF, 2001, p. 102)

O italiano Giovanni Micolli, em seus artigos reunidos no livro: *Francisco de Assis: realidade e memória de uma experiência cristã*, apresenta-nos uma pesquisa historiográfica ímpar. Segundo Micolli, a própria perspectiva e espiritualidade franciscana de humildade e submissão a toda criatura previa a obediência à Igreja e ao papado, logo é necessário entender esta dinâmica para se compreender a atitude de Francisco. Em uma exaustiva análise dos escritos do santo e de outras fontes, o historiador conclui que, para Francisco, a aprovação papal seria a confirmação de uma revelação divina; o fundador não abriu mão da obediência à Igreja, como também da originalidade de seu projeto, por acreditar que tanto a autoridade do papa quanto a sua forma de vida eram manifestações divinas. Portanto, houvera uma opção sincera do santo em se colocar na condição de submisso à cúria romana por crer que se tratava de uma instituição sagrada. Micolli refuta a tese de Sabatier e Falbel e Iriarte, que coloca a Igreja como responsável pela “morte” do ideal do fundador, procura entender o pensamento de Francisco em sua essência, despreocupado em legitimar convicções teológicas.

Por fim, cabe expor as considerações do historiador italiano Grado Giovanni Merlo, em seu livro *Em nome de São Francisco*. O historiador defende que Francisco percebera que a ordem lhe fugira das mãos, ao renunciar à função de ministro geral. A presença de Hugolino e a intervenção da Igreja representariam estabilidade na ordem, logo, para Merlo, tais elementos seriam necessários para a consolidação do movimento. Sem a aprovação papal a ordem desapareceria inserida num contexto

histórico de crescente centralização política de perseguição à heresia, por outro lado, o papado percebera também nos frades menores um elemento eficaz para o seu projeto de reforma política. Segundo Merlo, “a própria morte de Francisco libera os frades de uma referência exemplar que se tornara pesada, abrindo caminho para uma união mais estreita entre a ordem e a Igreja Romana” (MERLO, 2005, p. 46).

E se institucionalizar significa organizar algo com o auxílio de um aparato normativo a fim de conseguir um resultado duradouro, as finalidades de Frei Francisco devem fazer as contas com um aparato normativo que, para ser eficaz, necessariamente deve prever instrumentos de afirmação humana e coercitiva, ou seja, os instrumentos que Francisco havia recusado como estranhos à mais autêntica *seqüela Cristhi*, ao mais genuíno “viver segundo a forma do santo Evangelho”. (MERLO, 2005, p. 46)

Diante da discussão a respeito do movimento franciscano no século XIII, percebemos que a aproximação entre os frades menores e a cúria romana tornara-se uma das problemáticas mais discutidas na historiografia sobre o movimento franciscano. Enquanto alguns teóricos viam a questão como uma traição do ideal evangélico proposto por Francisco de Assis, outro grupo concebe como algo inevitável e essencial para que a ordem não viesse a se extinguir.

Considerações finais

A partir da discussão apresentada, nosso posicionamento em relação a esta problemática consiste em crer na hipótese de que houvera uma opção voluntária de Francisco de obediência à autoridade do papa e da hierarquia eclesiástica, por julgá-las instituições divinas, assim como afirma Giovanni Micolli, indispensáveis para o seguimento de Cristo, como também uma estratégia adotada pela Igreja de defesa e concessões de benefícios aos frades, a fim de obter a colaboração dos mesmos em seus objetivos políticos. Logo, acreditamos que não houvera manipulação da Igreja

para com os frades, mas, sim, que ambos os lados se beneficiaram em sua aproximação.

A ordem viu que só poderia prosperar e crescer enquanto instituição, uma vez que demonstrasse obediência à autoridade eclesiástica. Francisco tinha conhecimento do que ocorrera com os outros movimentos religiosos que haviam se afastado da ortodoxia caindo em heresia. Embora o fundador recusasse algumas das mudanças que se apresentavam, o crescimento da ordem bem como as exigências feitas pela Igreja Romana exigiam conventos maiores e adaptações às novas realidades sociais e econômicas.

Quanto à clericalização da ordem, no século XIII, onde existia uma forte separação entre clérigos e leigos e uma afirmação do sacerdócio, a alta hierarquia da Igreja não poderia conceber uma ordem governada por leigos. A proposta de Francisco de Assis era extremamente inovadora para seu tempo e não foi compreendida por completo pelos homens de sua época, a começar pela própria cúria romana.

Retomando as considerações de Brenda Bolton, o papado percebera que deveria modificar a sua postura diante dos movimentos espirituais de caráter popular. Se antes fora adotada a repressão sobre estes, a partir de Inocêncio III, a cúria romana concluiu que o melhor seria tê-los ao seu lado, sob seu controle, para que colaborassem nos projetos políticos de centralização das práticas religiosas da cristandade, logo, eram necessárias “concessões”.

Sem dúvida, tanto a ordem quanto a cúria foram obrigadas a ceder em alguns pontos, e a se adaptarem, mas obtiveram benefícios com a estreita relação criada entre ambas. A aproximação estabeleceu uma troca: os franciscanos, após a aprovação em 1209, tiveram modificações expressivas, como também a própria Igreja, com a ascensão de frades ao episcopado ou mesmo nas cadeiras das universidades da Europa, com Boaventura de Bagnorégio ou Guilherme de Ockham.

Quanto à Igreja, conseguiu muitas vezes promover seu projeto de centralização das práticas religiosas e sociais na cristandade. Os mendicantes foram os frades que mais desempenharam o ofício de inquisidores repreendendo a heresia de forma violenta, ao mesmo tempo, os frades franciscanos nas cidades atendiam a população urbana. Os religiosos desempenharam o ofício de cura d’almas e pregação atraindo os fiéis dos centros urbanos da Europa. A presença dos frades vivendo a castidade e a

modéstia no que tange à posse de bens era exemplo para o próprio clero secular, uma vez que algumas das normas previstas no IV Concílio de Latrão eram o celibato e a continência dos padres e dos bispos que viviam em situação de concubinato.

Representando uma Igreja renovada, com palavras simples, a pregação dos frades atraía as camadas mais simples da sociedade evitando o avanço das heresias, contribuindo para a construção da autoridade do Bispo de Roma. Logo a sociedade medieval não seria mais a mesma com a experiência original de Francisco de Assis e de sua ordem.

Fontes Medievais impressas:

CELANO, Tomás de. “Primeira Vida de São Francisco de Assis”. In: SILVEIRA, Ildefonso (org). *São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Petrópolis – RJ: Vozes: 2002.

BAGNORÉGIO, Boaventura de. “Legenda Maior de São Francisco”. In: SILVEIRA, Ildefonso (org). *São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Petrópolis – RJ: Vozes: 2002.

“Legenda dos Três Companheiros”. In: SILVEIRA, Ildefonso (org). *São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Petrópolis – RJ: Vozes: 2002.

Referências Bibliográficas

BARRIO, Maximiliano (*et alli*). *Diccionario de los papas y concilios*, Barcelona: Ariel, 2005.

BOLTON, Brenda. *A Reforma na Idade Média século XII*, Lisboa: Edições 70, 1983.

DESBONETS, Teóphile. *Da Intuição à instituição*, Petrópolis: Vozes, 1987.

FALBEL, Nachman. *Os Espirituais Franciscanos*, São Paulo: EDUSP, 1995.

IRIARTE, Lázaro. *História Franciscana*, Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*, Rio de Janeiro: Record, 2001.

MANSELLI, Raoul. *São Francisco*, Petrópolis: Vozes, 1997.

MERLO, Grado Giovanni. *Em nome de São Francisco: história dos frades menores e do franciscanismo até o séc XVI*, Petrópolis: Vozes, 2005.

MICOLLI, Giovanni. *Francisco de Assis: realidade e memória de uma experiência cristã*, Petrópolis: Vozes, 2004.

SABATIER, Paul. *Vida de São Francisco de Assis*, Bragança-SP: USF, 2006.

SILVA, Andréia Cristina L. Frazão, "Introdução", In: *Hagiografia e história: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central*. 1. ed. Rio de Janeiro, HP Comunicação Editora, 2008

VAUCHEZ, André, *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental*. Lisboa: Estampa, 1995.

Recebido em 26 de dezembro de 2011.

Aprovado em 17 de fevereiro de 2012.